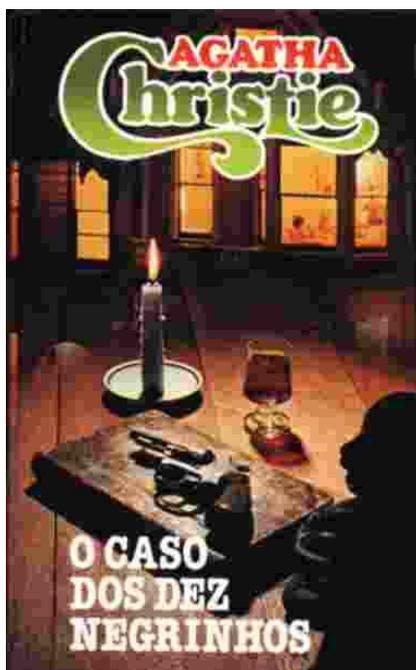




APRESENTA:



O CASO DOS DEZ NEGRINHOS  
Agatha Christie

Tradução de *Leonel Vallandro*  
Título do original: *Ten Little Niggers* — 1939, by Agatha Christie  
1ª edição — abril 1976  
Abril S.A. Cultural e Industrial, São Paulo.  
Com licença da Editora Globo S.A.

Sobre a digitalização desta obra:

Esta obra foi digitalizada para proporcionar de maneira totalmente gratuita o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para leitura. Dessa forma, a venda deste e-book ou mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância.

A generosidade é a marca da distribuição, portanto:

[Distribua este livro livremente!](#)

Se você tirar algum proveito desta obra, considere seriamente a possibilidade de adquirir o original.

[Incentive o autor e a publicação de novas obras!](#)

[Visite nossa biblioteca! Centenas de obras grátis a um clique!](#)  
<http://www.portaldetonando.com.br>



**AGATHA CHRISTIE**, pseudônimo de Anna Mary Clarissa Miller (Christie é o sobrenome de seu primeiro marido e Agatha, nome de sua escolha), nasceu em Torquay, Condado de Devon, na Inglaterra, em 1891, e morreu em 1976.

*Agatha, uma senhora quieta, afável, de olhos irônicos, confessava, paradoxalmente, detestar a violência. Apesar disso, assassinou mais de trezentas pessoas em seus romances policiais, que primam pela construção perfeita da trama e colocam a inteligência acima da ação. Estreou na vida literária em 1920 com o livro O Misterioso Caso de Styles, celebrizando-se com a criação do personagem Hercule Poirot. Escrevera-o com o intuito de refutar a opinião de sua irmã, que afirmava ser praticamente impossível arquitetar uma história policial em que o leitor não pudesse suspeitar do autor do crime. Em 1926 causou sensação com a obra The Murder of Roger Ackroyd, por fazer do narrador o autor do crime. Entre as muitas obras que escreveu destacam-se ainda: The Mystery of the Blue Train (1928). The Seven Dials Mystery (1929). Murder at the Vicarage (1930). Lord Edgware Dies (1933), The ABC Murders (1936), The Body in the Library (1942), A Murder is Announced (1950) e, é claro, O Caso dos Dez Negrinhos, de 1940, onde a autora conduz o leitor de suspense em suspense até a última página. Várias de suas obras foram levadas ao teatro e ao cinema. Em 1954, três peças suas de mistério tiveram representação simultânea nos teatros do West End (bairro de Londres). Sua peça The Mousetrap alcançou o recorde de apresentações (14 anos, em 1966). Hoje Agatha é conhecida no mundo inteiro como a "primeira dama da literatura policial".*

# CAPÍTULO I

## I

No canto de um vagão de fumar de primeira classe, o Juiz Wargrave, recentemente aposentado, percorria com um olhar interessado as notícias políticas do *Times*.

Depois de largar o jornal, olhou pela janela. O trem atravessava o condado de Somerset. Consultou o relógio: mais duas horas ainda.

Pôs-se a recapitular mentalmente tudo que aparecera nos jornais sobre a Ilha do Negro. Primeiro, a sua compra por um milionário americano apaixonado pelo *yachting*, e a descrição da luxuosa e moderna vivenda que construíra nessa pequena ilha ao largo da costa de Devon. Mas, por infelicidade, a nova e terceira esposa do milionário norte-americano sofria de enjôo do mar, e tanto a casa como a própria ilha foram subseqüentemente postas à venda. Vários anúncios sensacionais apareceram na imprensa. Veio, então, a notícia positiva de que a venda fora efetuada a um Sr. Owen — e começaram os boatos dos cronistas sociais. A Ilha do Negro fora de fato comprada por Miss Gabrielle Turl, a estrela de Hollywood, que desejava passar alguns meses naquele retiro, livre de toda publicidade! *Busy Bee* insinuara delicadamente que a casa se destinava a ser uma residência da Realeza! *Mr. Merryweather* ouvira cochichar que ela fora comprada para uma lua-de-mel... O jovem Lorde L. rendera-se, afinal, às setas de Cupido! *Jonas* sabia de *ciência certa* que o adquirente fora o Almirantado, com vistas em realizar ali certas experiências extremamente sigilosas!

Positivamente, a Ilha do Negro "era notícia".

O Juiz Wargrave tirou uma carta do bolso. A letra era quase ilegível, mas aqui e ali se destacavam algumas palavras com inesperada clareza: "Querido Lawrence... tantos anos sem que eu nada soubesse de você... deve vir à Ilha do Negro... o lugar mais encantador do mundo... os velhos tempos... comunhão com a Natureza... lagartear ao sol... às 12:40, da estação de Paddington... nos encontraremos em Oakbridge..." E a remetente assinava, com um floreio de pena, "sua amiga de sempre, Constance Culmington".

O Juiz Wargrave procurou relembrar com exatidão quando tinha visto Lady Constance Culmington pela última vez. Seria há uns sete... não, oito anos. Estava, então, de partida para a Itália, onde ia lagartear ao sol e viver em comunhão com a Natureza e os *contadini*. Mais tarde, soubera que ela havia embarcado para a Síria, onde ia aquecer-se a um sol ainda mais forte e viver em comunhão com a Natureza e os beduínos.

Constance Culmington, refletiu o juiz, era precisamente o tipo de mulher capaz de comprar uma ilha para rodear-se de uma atmosfera de mistério! Sacudindo a cabeça numa plácida aprovação à sua própria lógica, o Juiz Wargrave deixou-a descair e ferrou no sono...

## II

Num vagão de terceira classe, onde viajava em companhia de mais cinco passageiros, Vera Claythorne recostou a cabeça no espaldar do assento e cerrou os olhos. Que calor fazia naquele trem! Seria esplêndido ir para o mar! Na verdade, fora uma grande sorte conseguir semelhante emprego! Quando se procura trabalho no período de férias, isso quase sempre significa tomar conta de um enxame de crianças... Os empregos de secretária durante as férias são muito mais difíceis de obter. Nem sequer a agência havia dado grandes esperanças.

E então chegara aquela carta:

*"Recebi da Agência de Empregadas Especializadas a indicação de seu nome, juntamente com as respectivas referências, das quais deduzo que a senhorita é pessoalmente conhecida dessa entidade. Terei prazer em pagar-lhe o salário que pede e espero que comece a trabalhar em 8 de agosto. O trem a tomar é o das 12:40, em Paddington. Será recebida na estação de Oakbridge. Incluo cinco notas de uma libra para as despesas.*

*"Sinceramente, Una Nancy Owen."*

E no alto vinha o endereço impresso: Ilha do Negro, Sticklehaven, Devon...

Ilha do Negro! Ultimamente não se falava de outra coisa nos jornais. Toda sorte de insinuações e de boatos interessantes, se bem que provavelmente mentirosos na maioria. Mas

era verdade que a casa fora construída por um milionário, e dizia-se que representava a última palavra em matéria de luxo.

Fatigada por um atarefadíssimo trimestre escolar, Vera pensava consigo: "Ser mestra de esportes num estabelecimento de terceira ordem é uma coisa miserável... Se ao menos pudesse conseguir lugar nalguma escola *decente!*"

E em seguida, sentindo um frio no coração, pensou: "Mas a verdade é que tive sorte em consegui-lo. Afinal, ninguém gosta de dar emprego a quem andou às voltas com a justiça, mesmo que o *Coroner* me tenha isentado de toda culpa!"

Lembrou-se de que ele a tinha até cumprimentado pela sua coragem e presença de espírito. Para um inquérito judicial, não poderia ter-se saído melhor. E a Sra. Hamilton fora para ela a bondade em pessoa. Somente Hugo... *mas não queria pensar e não pensaria em Hugo!*

De súbito, a despeito do calor que fazia no vagão, estremeceu arrepiada e desejou que não estivesse viajando para o mar. Uma cena configurou-se nitidamente no seu espírito. *A cabeça de Cyril erguendo-se e tornando a mergulhar nas ondas em direção ao rochedo...* para cima e para baixo, para cima e para baixo... E ela própria a nadar atrás dele com braçadas suaves e experimentadas... abrindo caminho na água, mas sabendo perfeitamente que não chegaria a tempo...

O mar... o seu azul profundo e tépido... as manhãs passadas na areia... Hugo... Hugo, que dissera amá-la...

*Não devia pensar em Hugo...*

Abriu os olhos e franziu a testa olhando para o homem sentado à sua frente. Um homem alto, de rosto trigueiro, olhos claros e muito unidos, boca arrogante, quase cruel.

"Aposto que ele esteve em lugares interessantes do mundo e que já viu coisas muito interessantes..." , pensou Vera consigo.

### III

Philip Lombard, avaliando num rápido relance dos seus olhos vivos a moça que tinha na frente, pensava:

"Bem atraente... Um pouco aprofessorada, talvez."

Senhora de seus atos, imaginava ele, dessas que sabem dirigir-se tanto na guerra como no amor. Bem gostaria de tentar alguma coisa com ela...

Franziu o sobrolho. Não, fora com todas essas coisas. Ia a negócios. Devia concentrar-se na sua ocupação.

Qual seria precisamente essa ocupação" cismava Lombard. Aquele judeuzinho tinha sido misterioso como o diabo.

— É pegar ou largar, Cap. Lombard. E ele respondera pensativamente.

— Cem guinéus, nem?

Pronunciara estas palavras com displicência, como se cem guinéus nada significassem para ele *Cem guinéus*, quando estava na última lona! Desconfiava, porém, que o judeuzinho não se deixara enganar. Isso é o que há de pior quando se trata com judeus... Impossível enganá-los em questões de dinheiro: eles sempre *sabem.*'

No mesmo tom desprendido, Lombard acrescentara:

— Não me pode dar maiores informações?

O Sr. Isaac Morris sacudira, muito positivo, a cabecinha calva.

— Não, Cap. Lombard, isto é tudo que tenho para lhe dizer. O meu cliente conhece a sua reputação como homem prestante em situações perigosas. Estou autorizado a pagar-lhe cem guinéus, em troca dos quais deverá ir a Sticklehaven. no Devon. A estação mais próxima é Oakbridge. Lá estarão à sua espera para levá-lo de automóvel a Sticklehaven, onde uma lancha o transportará à Ilha do Negro. Ali o senhor se colocará à disposição do meu cliente.

— Por quanto tempo? — indagara abruptamente Lombard.

— Uma semana, no máximo. Cofiado o pequeno bigode, o Cap. Lombard observou:

— O senhor sabe que eu não posso aceitar nada... ilegal? Dardejara um olhar penetrante ao outro enquanto falava.

Nos espessos lábios semíticos do Sr. Morris esboçou-se um ligeiro sorriso ao responder gravemente:

— Se algo de ilegal lhe for proposto, o senhor naturalmente terá plena liberdade de recusar.

Diabos levem aquele tipinho oleoso! Pois ele não sorria? Era como se soubesse que no passado de Lombard a legalidade nem sempre fora uma cláusula *sine qua non*...

Os lábios do próprio Lombard entreabriram-se num sorriso ao lembrar a cena.

O fato é que, uma ou duas vezes, fora um pouco afoito demais. Mas sempre conseguia safar-se! Na realidade, os seus escrúpulos não iam muito longe...

Não, os seus escrúpulos não iam muito longe. Previa que ia divertir-se bastante na Ilha do Negro...

#### IV

Num carro para não-fumantes Emily Brent ia rigidamente sentada, como era seu costume. Solteirona de sessenta e cinco anos, não aprovava as atitudes relaxadas. Seu pai, um coronel da velha escola, fora muito exigente nesse ponto.

A geração atual era de uma negligência indecorosa... em suas posturas *e em tudo mais*...

Envolta numa aura de retidão e de princípios irredutíveis, Miss Brent viajava no apinhado vagão de terceira classe e triunfava sobre o desconforto e o calor. Todos, hoje em dia, eram tão cheios de dengues! Queriam injeções para arrancar um dente... tomavam drogas se não podiam dormir... queriam cadeiras fofas e almofadas, e as moças vestiam-se de qualquer jeito e, no verão, estiravam-se seminuas nas praias.

Os lábios de Miss Brent cerraram-se com força. Gostaria de dar uma lição a certa gente.

Lembrou-se do veraneio anterior. Este ano, porém, seria bem diferente. A Ilha do Negro...

Tornou a ler mentalmente a carta que já havia lido tantas vezes:

*"Prezada Miss Brent:*

*"Espero que se recorde de mim. Estivemos juntas na pensão de Belhaven, há alguns anos, em agosto, e parecíamos ter muita coisa em comum.*

*"Estou iniciando, numa ilha da costa de Devon, uma casa de hóspedes de minha propriedade. Creio que há realmente campo para uma casa que forneça alimentação simples e sadia a gente boa e morigerada, à moda antiga. Nada de nudez nem de gramofones até alta noite. Dar-me-á muito prazer se consentir em passar seu veraneio na Ilha do Negro — inteiramente grátis — como hóspede minha. Serve-lhe nos princípios de agosto, talvez dia 8?*

*"Muito devotamente,*

*U.N.O."*

Como era mesmo o nome? Dava algum trabalho decifrar a assinatura. "Muita gente assina o nome de modo bem ilegível", refletiu Emily Brent com impaciência.

Procurou lembrar-se de suas companheiras de veraneio em Belhaven. Estivera lá em dois verões. Havia aquela encantadora senhora de meia-idade, Miss... Miss... ora, como se chamava ela? Era filha de um cônego anglicano. E também lá estivera uma Sra. Olten... Ormen... Não, era certamente Oliver! Sim, Oliver.

A Ilha do Negro. Tinham surgido histórias nos jornais sobre a Ilha do Negro... Falava-se numa artista de cinema... ou seria um milionário norte-americano?

É certo que muitas vezes esses lugares ficam deveras baratos. Ilhas não servem para toda gente. Acham a idéia muito romântica, mas quando ali vão morar e percebem as desvantagens, dão-se por muito satisfeitas em desfazer-se delas.

"Seja como for, terei um veraneio gratuito", refletiu Emily Brent.

Com a sua renda tão reduzida e tantos dividendos atrasados, isso era, em verdade, uma coisa a ser tomada em consideração. Se ao menos pudesse lembrar um pouco mais sobre a Sra. (ou seria Srta.) Oliver!

#### V

O Gen. Macarthur olhou pela janela do vagão. Estavam chegando em Exeter, onde teria de fazer baldeação. Arre com esses trens lerdos de ramal! Afinal, em linha reta essa tal Ilha do Negro ficava logo ali adiante...

Não fazia uma idéia bem clara de quem fosse o tal Owen. Um amigo de Spool Leggard e de Johnnie Dyer, segundo parecia. "... Também virão um ou dois de seus velhos camaradas... gostaria de conversar sobre os bons tempos de outrora."

A verdade é que uma charla sobre os velhos tempos lhe daria grande prazer. Ultimamente andava desconfiado de que os amigos o evitavam. Tudo por causa daquele infernal boato! Era duro, por Deus... Uma coisa que acontecera quase trinta anos atrás! Armitage devia ter tagarelado. Maldito sujeitinho! Que saberia ele, enfim? Bem, não valia a pena remoer essas desconfianças! Às vezes a gente imagina coisas... imagina que um camarada nos olha de maneira esquisita.

Essa Ilha do Negro, por exemplo, gostaria de vê-la. Muito mexerico a respeito dela. Talvez houvesse algo de verdade no boato de que fora adquirida pelo Almirantado, ou pelo Ministério da Guerra, ou pela Força Aérea...

Quem construía a casa fora o jovem Elmer Robson, o milionário americano. Dizia-se que gastara milhares de libras. Todo o luxo do mundo...

Exeter! Uma hora de espera! E ele não queria esperar. Queria tocar para diante.

## VI

O Dr. Armstrong atravessava a Planície de Salisbury no seu carro. Sentia-se bastante cansado. O sucesso tem seus inconvenientes. Tempo houvera em que ele ficava sentado no seu consultório de Harley Street, corretamente trajado, cercado dos mais modernos aparelhos e do mais luxuoso mobiliário, esperando através dos dias vazios pela vitória ou pelo fracasso da sua aventura financeira.

Pois bem, tinha vencido! Tivera sorte. Sorte e competência, está visto. Era um homem que entendia da sua profissão... mas isso não bastava para vencer. Era preciso também ter sorte. E ele a tivera! Um diagnóstico bem feito, duas ou três clientes agradecidas — mulheres com dinheiro e posição — e a fama começara. "Você deve consultar Armstrong... Bem moço ainda, mas simplesmente brilhante!... Pamela andou nas mãos de tudo que era médico durante anos, mas ele acertou na primeira consulta!" E a bola tinha começado a rolar... ,

Finalmente famoso, o Dr. Armstrong tinha seus dias cheios. Quase não lhe sobravam lazeres. E assim, nessa manhã de agosto, sentia-se satisfeito em sair de Londres para ir passar alguns dias numa ilha ao largo da costa de Devon. Não que se tratasse propriamente de um veraneio. A carta que recebera era escrita em termos um tanto vagos, mas nada havia de vago no cheque incluso. Que magnificência! Esses Owen deviam nadar em dinheiro. Parecia haver uma pequena dificuldade: o marido, aflito com a saúde da esposa, desejava um exame médico sem que esta se alarmasse. Ela não queria saber de doutores. Os seus nervos.

Nervos! O médico arqueou as sobrancelhas. Essas mulheres com os seus nervos! Bem, afinal era isso que fazia andar o negócio. Metade das mulheres que o procuravam não sofriam de coisa alguma, mas não lhe ficariam agradecidas se lhes dissesse! E, em geral, sempre se podia encontrar alguma coisa.

— Uma ligeira disfunção do (uma palavra grega bem comprida). Nada de sério, mas precisa ser controlado. Um tratamento simples.

Em grande parte, a medicina era simples curandeirismo. Mas ele tinha jeito; sabia inspirar fé e esperança.

Que sorte ter podido recuperar-se a tempo depois daquela história há dez... não, quinze anos! Estava se deixando arrastar, mas o choque o fizera cair em si. Abandonara completamente a bebida. Mas, caramba, por pouco não dera com os burros n'água...

Com uma buzinação ensurdecadora, um enorme Dalmain *Super-Sports* passou por ele a 130 km por hora. O Dr. Armstrong quase foi parar na valeta. Um desses jovens cretinos com a mania de correr. Como os detestava! Escapara por pouco. Maldito imbecil!

## VII

Tony Marston, chispando na direção de Mere, dizia com os seus botões:

— Incrível a quantidade de carros que se arrastam pelas estradas! Sempre há alguma coisa a se atravessar no caminho da gente. E teimam em andar no meio da pista! Já nem se pode dirigir na Inglaterra... Não é como na França; lá, sim, é que vale a pena!

Parava para tomar alguma coisa ou tocava para diante? Tinha tempo de sobra! Apenas umas cento e poucas milhas ainda que andar. Tomaria gim com *ginger beer*. Um calor de rachar!

A tal casa na ilha devia ser bastante divertida... se o bom tempo durasse. Quem seriam esses Owen? Novos-ricos, com certeza. Badger tinha um faro para essa espécie de gente! Está claro que precisava fazer isso, pobre diabo, pois era um pronto...

Contanto que servissem boas bebidas... Nunca se pode prever, tratando-se dessa gente que ganhou o seu dinheiro e não nasceu com ele. Pena que não fosse verdade aquela história de Gabrielle Turl ter comprado a Ilha do Negro. Gostaria de entrar na roda da estrela de cinema.

Enfim, supunha que houvesse lá algumas garotas...

Ao sair do hotel, espreguiçou-se, bocejou, olhou para o céu azul e saltou no Dalmain. Seu metro e oitenta de altura, seu corpo de atleta, seu cabelo crespo, rosto bronzeado e olhos de um azul intenso valeram-lhe um olhar admirativo de várias moças que se encontravam nas imediações.

Embreou e partiu roncando pela rua estreita. Alguns velhos e meninos de recados saltaram para a segurança da calçada.

Estes últimos acompanharam o Dalmain com um olhar de admiração.

Anthony Marston prosseguiu na sua marcha triunfal.

## VIII

O Sr. Blore viajava no trem ordinário de Plymouth. Havia apenas uma outra pessoa no seu vagão, um idoso cavalheiro de profissão marítima, com olhos sonolentos. Havia adormecido naquele instante.

O Sr. Blore tomava apontamentos num caderninho.

— Aí estão todos — murmurou de si para si. — Emily Brent, Vera Claythorne, Dr. Armstrong, Anthony Marston, o velho Juiz Wargrave, Philip Lombard, Gen. Macarthur, e um casal de criados, os Rogers.

Fechou o caderno de notas e tornou a guardá-lo no bolso. Lançou um olhar ao canto onde o outro dormitava.

— Tomou um copo demais — diagnosticou o Sr. Blore com precisão.

Tornou a repassar tudo na mente, com meticoloso cuidado.

— O trabalho deve ser fácil — ruminou ele. — Não vejo nenhuma possibilidade de cometer erros. Espero que minha aparência seja aceitável.

Levantou-se e examinou-se ansiosamente no espelho. O rosto que ali viu refletido possuía um bigode que lhe dava um certo ar militar. Um rosto inexpressivo, de olhos cinzentos bastante chegados um ao outro.

— Podia passar por um major — disse o Sr. Blore. — Não, ia esquecendo. Lá estará aquele velho general. Ele me descobriria em seguida... A África do Sul: essa é a linha a adotar! De toda essa gente, ninguém tem nada que ver com a África do Sul, e eu estou bem informado graças àquele folheto de viagem que li no outro dia.

Felizmente, havia coloniais de todos os tipos e espécies. Como um sul-africano de recursos, o Sr. Blore achava que podia freqüentar qualquer sociedade sem que ninguém desconfiasse.

*Ilha do Negro*. Lembrava-se de tê-la visitado em menino... Um rochedo malcheiroso, coberto de gaivotas, a cerca de uma milha da costa. Recebera esse nome por causa da semelhança com uma cabeça de homem — um homem de lábios negróides.

Esquisita idéia construir uma casa ali! Era horrível com mau tempo! Mas os milionários têm desses caprichos!

Lá no seu canto, o velho acordou e disse:

— Nunca se pode contar com o mar, nunca mesmo!

O Sr. Blore respondeu com voz macia:

— É verdade. Nunca se pode.

O velho soluçou duas vezes e disse em tom queixoso:

— Aí vem tormenta. O Sr. Blore interpôs:

— Não, não, companheiro, está fazendo um lindo dia. O velho redargüiu, furioso:

— Aí vem uma tormenta. Sinto-lhe o cheiro.

— Talvez tenha razão — assentiu o Sr. Blore pacificamente.

O trem parou numa estação e o velho ergueu-se a custo.

É aqui que eu desembarco.

Fez força para abrir a janela. O Sr. Blore ajudou-o. Ao sair, o velho parou na porta e alçou solenemente a mão, piscando os olhos sonolentos.

—Vigiai e orai — disse. — Vigiai e orai. O Dia do Juízo está próximo.

Desabou pelos degraus do vagão abaixo. Em posição supina na plataforma, ergueu os olhos para o Sr. Blore e proclamou com imensa dignidade:

— Estou falando para o senhor, moço. O Dia do Juízo está muito próximo.

Ficando a sós, o Sr. Blore disse consigo:

— Ele está mais próximo do Dia do Juízo do que eu! Mas nisso, consoante veio a suceder, enganava-se...

## CAPÍTULO II

### I

No recinto externo da estação de Oakbridge formara-se um pequeno grupo de pessoas tomadas de momentânea hesitação. Atrás delas, os carregadores esperavam com as malas. Um deles chamou:

— Jim!

O chofer de um dos táxis avançou para o grupo.

— Por acaso vão para a Ilha do Negro? — perguntou com a fala macia dos devonianos. Quatro vezes responderam na afirmativa, e imediatamente os integrantes do grupo lançaram olhares sub-reptícios uns aos outros.

O chofer tornou a falar, dirigindo-se ao Juiz Wargrave como o mais velho de todos:

— Temos dois táxis aqui, senhor. Um deles deve esperar pela chegada do trem ordinário de Exeter. É uma questão de cinco minutos... Vem mais um cavalheiro por esse trem. Talvez um dos senhores não se importe de esperar? Ficariam mais bem acomodados assim.

Vera Claythorne, que não esquecia a sua posição de secretária, respondeu em seguida:

— Eu espero, se os senhores quiserem ir.

Sua voz e a expressão do seu rosto tinham esse quê de comando, próprio das pessoas que ocupam uma posição de autoridade. Era como se estivesse determinando em que *sets* de tênis deviam jogar as meninas.

— Muito obrigada — disse Miss Brent, dura como um pau. E, curvando a cabeça, entrou num dos táxis, cuja porta o chofer conservava aberta. Depois dela embarcou o Juiz Wargrave.

— Fico esperando com Miss... prontificou-se o Cap. Lombard.

— Claythorne — disse Vera.

— Meu nome é Lombard, Philip Lombard.

Os carregadores empilhavam a bagagem no porta-malas do táxi.

— Que belo tempo está fazendo! — disse no interior o Juiz Wargrave, com a devida cautela judiciária.

— Sim, com efeito — volveu Miss Brent.

Um velho cavalheiro muito distinto, pensava lá consigo. Bem diferente do tipo de homem que a gente costuma encontrar nas pensões de beira-mar. Evidentemente, a Sra. ou Srta. Oliver tinha boas relações...

— Conhece bem esta região? — perguntou o Juiz Wargrave.

— Já estive na Cornualha e em Torquay, mas é a primeira vez que venho a esta parte do Devon.

— Eu também nunca estive por aqui — disse o juiz. O táxi partiu.

O chofer do segundo veículo perguntou:

— Não querem sentar-se para esperar?

— De modo algum — respondeu Vera, decidida. O Cap. Lombard sorriu e observou:

— Aquela parede banhada pelo sol tem um aspecto mais atraente. A não ser que prefira ir para dentro da estação?

— Não mesmo! É uma delícia ver pelas costas esse sufocante trem.

— Sim, viajar de trem com este tempo é uma prova para os nervos.

A resposta de Vera foi convencional:

— Espero que dure... o tempo, quero dizer. Os nossos verões da Inglaterra são traiçoeiros.

Lombard perguntou, com uma ligeira falta de originalidade:

— Conhece bem esta região?

— Não, nunca estive aqui. — E Vera acrescentou, resolvida a esclarecer imediatamente a sua posição: — Nem sequer ainda encontrei o meu empregador.

— Seu empregador?

— Sim, sou secretária do Sr. Owen.

— Ah! compreendo. — As maneiras do capitão mudaram imperceptivelmente. Tornaram-se um pouco mais seguras e mais desembaraçado o seu tom. — Não acha isso um tanto fora do comum? — perguntou.

Vera riu.

— Oh! não, não me parece. A secretária particular desse senhor adoeceu subitamente. Telegrafou a uma agência pedindo uma substituta, e enviaram a mim.

— Ah! então foi isso... Mas suponhamos que o emprego não lhe agrade quando lá chegar?

Vera tornou a rir.

— Bem, afinal é uma coisa temporária, um trabalho de férias. Tenho meu emprego permanente numa escola de meninas. A verdade é que estou encantada com a idéia de conhecer a Ilha do Negro. Tem-se falado muito dela nos jornais. Será mesmo tão fascinante assim?

— Não sei. Nunca a vi.

— Realmente? Os Owen devem ter muito amor a ela. Por favor, diga-me que espécie de gente é essa família.

"A situação é um tanto escurda...", pensou Lombard. "Qual será o mais certo: devo conhecê-los, ou não?" E apressou-se a dizer:

— Há uma vespa caminhando no seu braço. Não... fique completamente imóvel. — Saltou sobre o fictício inseto com um gesto convincente. — Pronto, lá se foi!

— Oh! muito obrigada. Vêm-se muitas vespas neste verão.

— Sim, creio que seja por causa do calor. Sabe, por acaso, quem é que estamos esperando?

— Não faço a menor idéia.

Ouviu-se o apito agudo e prolongado de um trem que se aproximava e Lombard observou:

— Deve ser este o trem.

Um homem alto, de aspecto militar, apareceu à saída da estação. Tinha o cabelo grisalho cortado à cadete e um bigode branco corretamente aparado.

Seu carregador, que vacilava um pouco sob o peso de uma sólida mala de couro, indicou Vera e Lombard.

Vera adiantou-se com um ar competente e disse:

— Sou a secretária do Sr. Owen. Temos um carro aqui à espera. — E acrescentou: — Este é o Sr. Lombard.

Os desbotados olhos azuis, perspicazes a despeito da idade, avaliaram Lombard. Por um instante, o juízo que fez dele transpareceu no seu olhar... se ali houvesse alguém capaz de lê-lo.

"Um belo rapaz, mas há nele qualquer coisa de falso..."

Subiram os três no táxi. Atravessaram as ruas sonolentas da cidadezinha e rodaram pela distância de uma milha na estrada de Plymouth, mergulhando depois num labirinto de azinhagas verdes, estreitas e íngremes.

— Esta parte do Devon me é completamente desconhecida. Moro no leste do condado, sobre a fronteira de Dorset.

— Realmente, é um lugar encantador — disse Vera. — Estas colinas, esta terra vermelha, e tudo de um verde tão luxuriante!

— Um pouco fechado — comentou Lombard. — Quanto a mim, prefiro o campo aberto, onde se possa ver o que se aproxima...

— Tem andado bastante por esse mundo, imagino? — perguntou-lhe o Gen. Macarthur.

Lombard deu de ombros.

— Tenho estado aqui e ali, senhor.

Lá consigo pensava: "Agora vai perguntar se tenho idade suficiente para ter estado na guerra. É a pergunta que sempre fazem esses velhos militares".

O Gen. Macarthur, porém, não mencionou a guerra.

## II

Subiram uma encosta e desceram por um caminho em ziguezague até Sticklehaven, simples amontoado de casinhas com um ou dois barcos de pesca postos a seco na praia.

Iluminada pelo sol poente, avistaram pela primeira vez a Ilha do Negro, que sobressaía do mar, ao sul.

— Fica bem longe! — disse Vera, surpreendida.

Fizera dela uma idéia diferente, próxima da costa e coroada por uma bela casa branca. Mas não se via casa alguma: apenas a silhueta abrupta do rochedo, que lembrava vagamente uma gigantesca cabeça de negro. Seu aspecto era um tanto sinistro. Vera teve um leve estremecimento.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

